

**RELATÓRIO DO WORKSHOP:
“Rumo a uma economia global verde: Quais as
oportunidades para o Brasil?”**

*Por Bernardo Fialho
Colaborador de Projetos Brasil
Outubro de 2010*

Com o objetivo de desenvolver um debate abrangente e de alto nível acerca da posição e das oportunidades para o Brasil nos moldes de uma economia verde no século XXI, a Fundação Konrad Adenauer, em parceria com Worldwatch Institute (EUA) e com apoio da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável, realizou o Workshop para especialistas “Rumo a uma economia global verde: Quais as oportunidades para o Brasil?”.

Pouco mais de 30 lideranças das esferas governamental, empresarial e da sociedade civil na área ambiental e de desenvolvimento sustentável se reuniram no dia 06 de outubro no Hotel Windsor Miramar, no Rio de Janeiro, para discutir a concepção brasileira sobre uma “economia verde” e as perspectivas de se construí-la.

O Workshop foi iniciado com as boas-vindas por parte do Representante da Fundação Konrad Adenauer no Brasil, *Peter Fischer-Bollin*, do Presidente da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável, *Israel Klabin*, e do Presidente do Worldwatch Institute, *Christopher Flavin*. Todos eles reforçaram a importância do tema, como parte da agenda do novo século, e da parceria entre as três instituições que culminou com a realização do evento. Além disso, eles apontaram peculiaridades do contexto atual e seus desafios. Em seguida foram feitas três apresentações introdutórias sobre “economias verdes”, as quais abordaram aspectos da sua transformação e evolução, acompanhados do fortalecimento da cultura de sustentabilidade e crescimento da indústria de tecnologias limpas.

Maria Marta Vasconcelos, especialista do Departamento de Meio Ambiente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) foi a primeira a se apresentar, dando um panorama do trabalho da FIESP e seu enfoque ambiental. Ela apontou tendências e exemplos da mudança na mentalidade empresarial em prol de uma ética ambiental,

seja na gestão das empresas, seja nos processos da cadeia produtiva industrial. *Gary Gardner*, Alto Pesquisador do Worldwatch Institute, discorreu sobre as tecnologias verdes e seus impactos na geração de empregos, abordando inovações no gerenciamento de recursos naturais e a participação da economia verde nos pacotes de estímulo econômico de diversos governos em combate à crise financeira global. Foram exemplificados investimentos em transporte público limpo, energias e combustíveis renováveis, reciclagem, dentre outros, levando em consideração os efeitos no mercado de trabalho em diversos países. *Suzana Kahn*, Pesquisadora da UFRJ e membro do Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC) e do Global Energy Assessment, focou na descarbonização da economia, chamando atenção para a necessidade de reorientação dos investimentos e das prioridades. Segundo Suzana, o Brasil tem oportunidades tanto na frente da emissão negativa (reflorestamento, absorção e armazenamento biológico do carbono), quanto na frente da baixa intensidade de carbono, com a eficiência energética e manutenção da matriz energética limpa.

Após o coffee-break, houve o início da dinâmica de debates em formato de "U", permitindo a abertura da discussão aos especialistas convidados de maneira interativa. Mediadas por *Christoph Trusen* (Consultor em Desenvolvimento Rural e Gestão Sustentável de Recursos Naturais), as intervenções complementaram as apresentações anteriores, assim como ampliaram o horizonte temático de acordo com a programação do Workshop.

Com a participação de todos, foram discutidos, dentre outros, o papel das políticas públicas no Brasil e a instituição de metas compulsivas e voluntárias, questionando-se a efetividade desta última. Neste contexto, foi chamada atenção para a criação de outros instrumentos que viabilizem a descarbonização e o estabelecimento de bases sólidas para uma economia verde. Foi sugerida uma maior atuação do mercado financeiro em desenvolver mecanismos (carbon index, por exemplo) que gerem parâmetros verdes para a captação de investimentos e negociação de ações na bolsa de valores. Todavia, foi salientada a opção por metas setoriais, visto que devem ser considerados os diferentes potenciais de redução da emissão de gases por setor econômico, sendo um grande desafio equacionar tais metas setoriais de forma balanceada. Observou-se a oportunidade para o Brasil ser pioneiro neste sentido e exportar tais iniciativas, ao invés de ficar somente importando tendências de fora.

No que tange ao setor energético, foi questionado até que ponto a matriz hidrelétrica brasileira é realmente limpa, ao passo que, para manter a renovabilidade do setor, é preciso trazer outras fontes energéticas (solar, eólica, biomassa). Elas devem ter maior espaço,

uma vez que expandir a oferta energética é fundamental para o desenvolvimento econômico. Por outro lado, foi mencionado o grande desafio em juntar diversos sistemas à rede elétrica, o que exige melhorias profundas no sistema de distribuição. Qualquer solução futura não deve ser feita de uma só maneira, mas de forma multidisciplinar, abrangendo diversas fontes, de modo a se criar um composto energético eficiente.

A inovação foi apontada como chave do processo de desenvolvimento da economia verde. Inovação em sentido amplo, cooperado, envolvendo diversos setores da sociedade (comunidade científica, setor privado, etc.) e orientada por uma agenda positiva cuja formação tenha como referência modelos de sucesso. Inovação e sustentabilidade fazem parte da mesma moeda e devem ser conduzidas como diferencial do Brasil para ser mostrado ao mundo. Desta forma, a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 são grandes oportunidades para o Brasil tornar-se líder no ramo, dando uma enorme e única visibilidade ao país interna e internacionalmente através da inovação voltada para um modelo de desenvolvimento pautado na agenda da economia verde.

Houve um consenso geral de que a economia verde é muito mais abrangente do que a economia de baixo carbono, pois envolve aspectos socioeconômicos, ambientais e culturais. Porém, mesmo sendo conceitos diferentes, a economia de baixo carbono é um passo importante para a consolidação da economia verde. O conceito de economia verde – mais do que o de desenvolvimento sustentável – vem atraindo uma enorme audiência, atingindo a imaginação popular, motivando a comunidade empresarial e mudando o panorama econômico de muitos países, dentre os quais o exemplo da Coreia do Sul obteve destaque no debate. Neste sentido, há muitas oportunidades que o Brasil pode tirar proveito ao longo do século XXI. A transição para economia verde deve ser justa e englobar diversos setores da sociedade para que haja um consenso sólido dentro dela, de modo que os problemas ambientais sejam resolvidos por políticas públicas baseadas numa legislação comprometida com a agenda verde.

Como o governo colocará um marco legal para a economia verde e até que ponto ela implica na reformulação do sistema econômico como um todo são perguntas cujas respostas dependem de medidas tomadas a partir de nossas próprias ações, das instituições e lideranças do ramo nas mais variadas esferas da vida social. A pressão que a natureza nos impõe é fundamental para que mudemos a realidade, de modo que a mesma não esteja somente na posição de nos transformar.